

Ministério da Cultura
e Casa Estação da Luz
apresentam

Alceu Valença

curadoria: Rafael Antonio Todeschini

foto: Cafi

UMA
GEOGRAFIA
VISCERAL
NORDESTINA



"Contos de palcos, gritos de guerra, a cartilha do lobo e o verso carnal, a prova nos limites da vida, eis a música de Alceu Valença, forte e profunda musicalidade do Nordeste."

Alceu Valença, também conhecido como o "rei do forró", lançou seu primeiro álbum "Chão de Favela" em 1970. "Valeu a pena" é um dos seus sucessos mais conhecidos.



foto: Fred Jordão

Alceu Valença

UMA GEOGRAFIA VISCERAL



Alceu Valença: um artista
multifacetado.

Alceu Valença nasceu em 1948, em São Paulo, mas cresceu no Nordeste. Sua música é uma mistura de forró, samba e rock, refletindo sua identidade cultural. Ele é considerado um dos maiores artistas brasileiros da música popular.

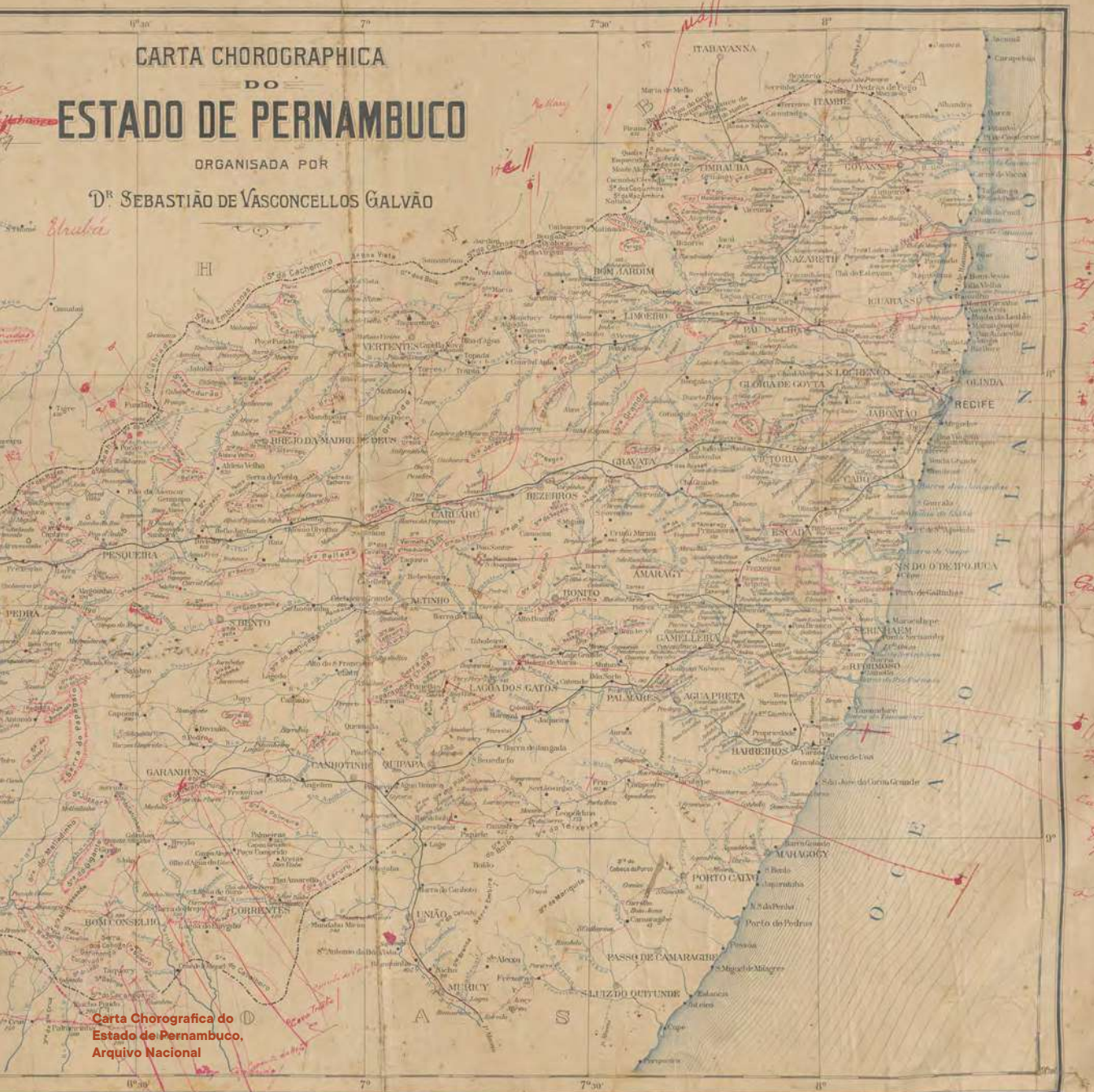
Além da música, Valença também é um artista visual, com obras que exploram temas religiosos e sociais. Sua obra "Chão de Favela" é um exemplo de sua capacidade de abordar questões complexas de forma acessível e impactante.

Valença é um artista que não se encaixa em nenhuma caixa. Sua obra é uma verdadeira geografia visceral, que conecta o passado ao presente e o local ao global. Ele é um artista que nos faz refletir sobre a identidade e a cultura brasileira.



**“Canto de pássaro, grito de guerra,
a caatinga árida e o verde canavial,
o povo nos limites da vida, eis a
música de Alceu Valença, terno
e profundo menestrel do Nordeste.”**

Jorge Amado, ao saber que Alceu havia dedicado para ele a música
“Chuva de Cajus” do disco “Estação da Luz”. Publicado pelo “Diário
de Pernambuco”, em 4 de novembro de 1985.



Carta Chorográfica do Estado de Pernambuco, Arquivo Nacional

Alceu Valença, uma geografia visceral nordestina

O título desta exposição traz a geografia, mas não como mero recurso retórico, para celebrar a obra do genial Alceu Valença e os seus mais de cinquenta anos de carreira. A começar pelo Nordeste que é, antes de tudo, uma direção geográfica, mas aqui se insere como uma consciência íntima da sua produção artística. É com o reconhecimento de um imaginário nordestino de paisagens, ritmos, expressões, lugares, frutas, bichos e tantos amores, que se reúnem os elementos que impregnam uma estética viva e contemporânea.

Do início da sua carreira no final dos anos 1960 até os dias de hoje, esteve muitas vezes classificado dentro daquilo que remete às matrizes populares: um artista regional. Assim como fazem com a arte considerada "naïf", o "regional" serve para delimitar um espaço retraído daquela produção, reduzindo-a ao seu local de sua origem. Isso é, sem dúvida, uma perspectiva colonizadora que Alceu sempre combateu de forma ativa, fazendo com que o seu regional fosse vivo, expansivo e, por que não, universal?

É um questionador nato das linhas e entrelinhas dos por quês da valorização dos elementos estrangeiros frente à nossa própria cultura brasileira, tão infinitamente rica e diversa. Sem nenhum complexo de inferioridade e com a sabedoria de defender aquilo que aprendeu nas suas vivências em São Bento do Una, ele percebeu que o seu caminho seria o da afirmação da sua própria geografia. Inseparáveis, ele que a leva, e ela que lhe eleva pelos quatro cantos que canta e encanta pelo mundo.

Rafael Antonio Todeschini
curador

Os regionalismos

O termo “regionalismo” surge no século 19 como uma forma de caracterizar a literatura brasileira produzida fora do Rio de Janeiro, onde se figurava a vida rural ou provincial do Sul e do Norte (como antes eram chamadas as atuais regiões do Norte e Nordeste). Já no século 20, observamos o nascimento de vanguardas que poderiam ser consideradas regionais, como o Manifesto Modernista em São Paulo (1922), o Manifesto Regionalista em Pernambuco (1926) e o Manifesto Paranista do Paraná (1927). Todos afirmam diferenças culturais brasileiras segundo a especificidade de seus contextos regionais. Toda arte oriunda de São Paulo se liga ao Rio para ser reconhecida como nacional e não mais regional, talvez pelo poderio econômico-industrial da maior metrópole brasileira e consequente reconhecimento que se deu ao ideário do Manifesto Modernista de 22 na composição da identidade brasileira: **“tupi or not tupi, that’s the question”**.

foto:
Mario Luiz Thompson
Rock in Rio, 1985





Em 1985, na coletiva de imprensa do Rock in Rio, o termo “regionalismo” foi usado em uma pergunta para definir a musicalidade de Alceu. Consciente da luta que existe no uso e emprego de certas palavras para enquadrar o território do outro, Alceu responde invertendo a perspectiva da pergunta:

“Acho que o Rod Stewart é um cantor tão regional quanto eu, na medida em que ele é de uma região, parece que ele é inglês, então ele é regional inglês.”

Não que Alceu esteja querendo se desconectar de suas origens, muito pelo contrário, o que questiona é uma noção colonizada de que nossa produção cultural seja inferior diante da estrangeira.

E poderíamos ir além: por que esse conceito “regional” é utilizado dentro do nosso próprio país para classificar alguns artistas e outros, não?



Na mesma entrevista, Alceu responde sobre o seu cenário no Rock in Rio e deixa entender que o “São Jorge lutando contra o Dragão da Maldade” seria uma homenagem ao enfant terrible Glauber Rocha, ironizando o próprio termo francês, já que se valorizam tanto os anglicismos e galicismos na linguagem.

Mas este amor que aqui é devotado a Glauber também tem a ver com uma concordância de Alceu com a perspectiva glauberiana do colonialismo cultural imposto ao Brasil e a todos os países do terceiro mundo. Na visão mítica de Glauber, São Jorge é a geografia do terceiro mundo contra o imperialismo norte-americano figurado pelo Dragão da Maldade.

O discurso que Alceu faz no lançamento do disco Estação da Luz, em Olinda, traz a tônica do enfrentamento do “colonialismo que se abate em todo o Brasil”, saudando as figuras carnavalescas do homem da meia noite, o barba papa e a mulher do dia.

Alceu Valença visto por Bajado, um artista de Olinda
Bajado, 1982

foto:
Carlos Horcades,
Rock in Rio 1985



Fotos de Custódio Coimbra



Alceu Valença emocionou o público com antigos e novos sucessos como Anúnciação

Coro de 30 mil vozes leva Alceu às lágrimas no Rock

— Alceu Valença deixou ontem, chorando, o palco do Rock in Rio no momento mais emocionante do festival, depois de puxar, sozinho, um coro de 30 mil vozes com seu sucesso **Anúnciação**. Foi um final de espetáculo antológico: Alceu deu o bis depois de uma hora gravada de show e foi dispensando seus músicos um a um até restar apenas o guitarrista Paulinho Rafael solando o riff da música enquanto Alceu regia o povo. Então, ele mandou Paulinho sair no coro: "Tu vens tu vens! Tu já escuto os teus sinais" e a resposta do público foi tão intensa em vozes e num mar de mãos estendidas que Alceu chorou.

Batucada

O quarto dia do Rock in Rio começou às 18h com uma plateia parecida com a de sábado: era mais um dia de trégua sem rock num festival que se intitula de rock. O primeiro acorde do dia foi uma batucada gravada em fita com a voz de Moraes Moreira cantando **Lá vem o Brasil Descendo a Ladeira**. Antes disso, o apresentador, Kadu Moliterno, tinha aberto os trabalhos colocando a política na ordem do dia.

— Amanhã (hoje) é um dia muito importante. A gente quer é votar mas vamos dar uma força para o Tancredo que é a nossa melhor esperança. Amanhã todo mundo aqui de verde-amarelo.

Moraes Moreira entrou e a **Brasil esquecei vossos panieiros, iluminar os**

terreiros que nós queremos sambar. Nada a ver com o rock mas o público gostou e ele detonou seu carnavalesco baiano sob um final de tarde com vento e nuvens bem ameaçadores que pareciam prenunciar um forte temporal, como se a "blasfêmia" de tocar samba num festival de rock provocasse a fúria dos elementos.

O primeiro momento de maior participação do público foi com o velho sucesso dos Novos Baianos **Preta, Pretinha**, cantada num coro de não mais de 20 mil vozes aquela altura, no dia mais fraco de frequência no Rock in Rio.

Moraes contou no show com o reforço da guitarra de Armandinho, ex-Cor do Som, atualmente no trio elétrico de Dodó e Osmar, que atacou solos lancinantes dividindo as honras do dia com o guitarrista Vito Bighione, também ex-Cor do Som. Após um final carnavalesco com o frevo **Vassourinha Elétrica** tradicional **Indio Quer Apito**, Moraes encerrou com **Festa no Interior**, um bom duelo de solos de Vito e Armandinho.

Cantador

A atração seguinte foi o cantador eletrônico, legítimo herdeiro das tradições nordestinas, o nosso Zé Limeira do Asfalto, poeta do absurdo do século XXI. Alceu Valença, que entrou logo de **Agalopado**, montado numa burra daqueles usados em **Bumba-Meu-Boi**, cheio de fitas coloridas na melhor tradição nordestina enquanto se anunciava, no canto, como o "porta-voz da incoerência".

Na faixa **Que Grito Da**, de seu novo I.P. **Mágico**, Alceu adverte que seu "repente é brasileiro e a pitada de estrangeiro eu boto pra lhe envenenar". Apesar de também não ser rock, o pique de Alceu com muitos xaxados, cocos e outros ritmos nordestinos tem um pique rock, tudo é muito marcado e só falta uma presença mais atuante dos instrumentos eletrônicos para que seu som se institua num legítimo rock brasileiro. Mesmo assim, o show teve momentos do que se podia chamar de heavy xaxado com **Mágico**, faixa-título do novo I.P., ou **Cavalo-de-Pau**, um autêntico blue do agreste.

Alceu fez um concerto de pura vibração sem deixar cair o ritmo em nenhum momento com muita percussão, dois teclados, baixo e a guitarra-sintetizadora Roland, de Paulinho Rafael, um dos músicos mais importantes na criação de uma linguagem-Brasil para a guitarra. Alceu encerrou com seu velho hino (de 1973) **Papagaio do Futuro**, numa versão bem mais pesada do que normalmente, talvez uma concessão ao festival, mas não deixou de avisar quando acabou: "A pitada de estrangeiro eu boto pra lhe envenenar".

O primeiro estrangeiro deveria ser James Taylor mas ele trocou a ordem de apresentação com George Benson e prometeu tocar enquanto o público descesse.

foto: Mario Luiz Thompson
Rock in Rio, 1985página ao lado:
Jornal do Brasil,
15 de Janeiro de 1985

De São Bento do Una até Harvard

Fazenda Riachão
em São Bento do Una
acervo pessoal

Infância e formação em São Bento do Una

Alceu se gradou em direito no fim anos 1960 no Recife, mas podemos dizer que a sua verdadeira formação se deu na infância de São Bento do Una. Foi ali que aprendeu os ritmos populares e viu e ouviu os cantadores de feira, cordelistas, aboios, entre uma farta variedade de expressões dessa cidade localizada no semiárido pernambucano. Mesmo nascido numa família que valorizava a erudição, assim como a maior parte da cidade, o avô Orestes tinha a paixão pelas artes populares, que foi herdada pelo pequeno menino Alceu. Talvez nessa herança tenha vindo a alta autoestima de não menosprezar o valor das artes populares.





fotos de família
acervo pessoal
foto: Fred Jordão

Fazenda Riachão
Aline Feitosa • 2024
foto: Fred Jordão



O primeiro palco com “É Frevo, Meu Bem”

Apesar de o avô ter dito que ele não tinha ritmo, o “doidinho” de dona Adelma (assim o chamavam) foi inscrito num concurso de talentos mirins da cidade. Cantou “É Frevo, Meu Bem”, de Capiba, com os seus poucos anos, e perdeu para Miguelito que cantou a espanhola “Granada”. Não contente com a decisão, invadiu o palco, encantado com as luzes da ribalta, e fez o seu show com várias piruetas, independentemente da decisão do júri. Ali nascia o artista e o território pelo qual ele sempre esteve a disputar.





Coração bola de basquete

Na passagem pelo time de basquete do Náutico, Alceu foi exercitando a sua verve artística nos versos, no violão e em apresentações do clube.

fotógrafo
não identificado,
acervo pessoal

Jornal Última Hora
de Pernambuco,
25 de fevereiro de 1964



REBELIÃO NO BASQUETE DO CLUBE "TIMBU"

FOMOS informados, ontem, de uma rebelião no basquete alvirubro. Vários atletas, não satisfeitos com os novos dirigentes nomeados para aquele departamento, resolveram deixar a agremiação dos Afritos. Entre os revoltosos figuram os seguintes: Alceu Valença, Paulo Guimarães, Gustavo, Hélio Meneses, Fernando Freitas, Manoel Gusmão, José Lagreca e Antonio Manoel. Adiantou ainda, a nossa fonte de informação, que os jogadores fundarão um clube, o "Cometa", que está presidido pelo sr. Manoel de Souza Gomes.



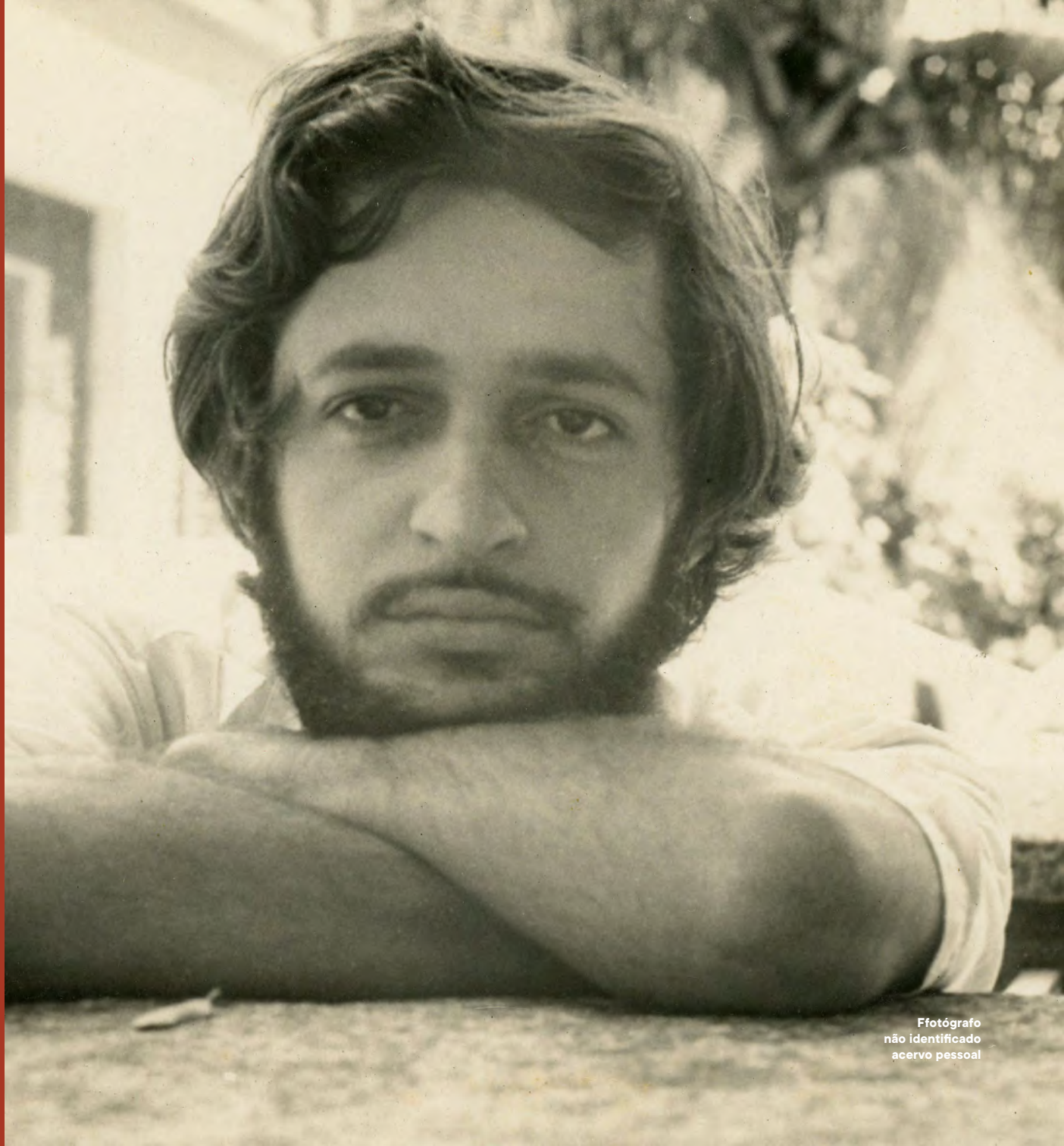
Novas referências no Recife

Aos 9 anos, foi morar com a família no Recife e ali esteve rodeado de novas referências. “No Recife, comecei a me urbanizar, na marra, comecei a ter vergonha do meu sotaque porque eu era de São Bento, e os meninos mangavam muito de mim. Porque eu era matuto.” Morava na mesma rua do poeta Carlos Pena Filho e do maestro Nelson Ferreira, esse último que era muito amigo do pai de Alceu, Dr. Décio Valença. Os primeiros carnavais do Recife encantaram Alceu: os blocos de frevo, maracatu e caboclinhos faziam o menino pular. Como o mesmo bem disse certa vez: “A música popular brasileira é a música pra pular brasileira.”

No meio do encanto do menino com tantos ritmos, Alceu também conheceu Elvis Presley por um primo que tinha vindo de Belém e que lhe disse: “Luiz Gonzaga é coisa de velho, agora a onda é rock’n’roll.” Acontece que Alceu sempre foi fiel ao Rei do Baião: “Eu gostava mesmo era de Luiz Gonzaga. Era um universo muito mais próximo àquele que me formou. Luiz parecia com os caras que tocavam xotes e toadas nas feiras da minha infância, foi capaz de representar como ninguém a cultura musical do Agreste e do Sertão. Sempre me identifiquei profundamente com aqueles aspectos, estão todos em meu inconsciente. Luiz Gonzaga é a síntese de tudo aquilo.

“ É como se ele fosse o meu avô.”

Quando a senhora de preto
Me enlaçar em seus braços gélidos
E o meu corpo for se consumindo
Pelo chão que me foi dado
Quero evaporar-me
E, docemente, subir aos céus.
Os parentes e amigos
Estarão à sala de espera.
Beijarei um a um,
Trocarei a camisa suada
E sairei para uma volta
Nos arredores.
Verei negro americano
De braço dado com donzela
De descendência nórdica
Verei árabes e judeus
Discutindo amigavelmente
Sobre a bolsa do Senhor
E depois de percorrer
Todas as dependências do paraíso
Chamarei o chaveiro em particular
E, mui confidencialmente, lhe perguntarei:
— Pedro, meu velho: aqui tem dedo de Marx?



Poema escrito por Alceu durante a prova do concurso que levaria alunos brasileiros para estudar em um curso de verão na Universidade de Harvard. A questão propunha uma comparação discursiva entre cristianismo e marxismo.

Fotógrafo
não identificado
acervo pessoal

Harvard, hippies e o Nordeste profundo

Na faculdade de direito, se integrou à classe artística juvenil da época e conheceu Eneida, com quem veio a se casar e ter o seu primeiro filho, Ceceu, anos mais tarde. Nessa altura, Alceu participou de um concurso da Associação Universitária Internacional (AUI) para ir estudar em curso de verão em Harvard. Uma das questões da prova propunha uma comparação discursiva entre marxismo e cristianismo e Alceu resolveu responder com um poema. E exatamente por conta da sua resposta inusitada ele foi passar uma temporada de estudos em Harvard, nos Estados Unidos.

Pouco interessado nos assuntos acadêmicos, ia para Harvard Square e tocava para os passantes velhos baiões de Luiz Gonzaga ou cocos de Jackson do Pandeiro, assim como o moderno frevo-canção "Aquela Rosa", dos futuros parceiros Geraldo Azevedo e Carlos Fernando. A coisa tomou ares de flower power quando grupos hippies e hare krishnas começaram a bater ponto na praça, atraídos por suas estranhas canções. Formavam uma grande roda em torno do inusitado trovador, dançavam, entoavam mantras ao som hipnótico do Nordeste profundo. Mas a apoteose acontecia mesmo era nos cocos, emboladas e repentes.

fotógrafo não identificado
acervo pessoal





RIVER News

HOME EDITION

THURSDAY, JULY 10, 1969.

32 PAGES

TEN CENTS



POETRY IN THE ROUND is participated in by 11 Brazilian students staying in area homes for the first week of a month long tour of the Eastern seaboard. They are attending Harvard University daily. Herald News Photo

Brazilian Students Resemble American Youth

A mini-skirted future judge and a law student who writes protest songs are among 11 Brazilian students staying in area homes the first week of a month long tour of the Eastern seaboard.

All are similar to American youth in dress, hair styles, hemlines and enthusiasm.

Ireze Marques is a year away from taking an examination for a federal judgeship.

Today she is more interested in going shopping and meeting "American boys" than in discussing law.

Ireze disclosed that her sister is a district attorney who also wears mini-skirts and that when she becomes a judge, she will have a "short black frock" made to replace the usual floor length robe.

The students are staying at different homes, but Wednesday gathered at the home of Atty. Milton Silva to sing, recite

poetry and discuss their country and ours.

Accompanying the singing with his guitar was Alceu Valença, called by one of his fellow students, "Brazil's answer to John Lennon". He has a record album out in Brazil and has had over thirty musical compositions published.

Valença said he writes protest songs because, "there is much social change necessary so we try to politicize our art in order to dramatize this. Our protests can be easily correlated to your protests of the Vietnam War although ours relate mainly to national problems."

He said he most wants to see the memorial gravesites of the Kennedy brothers because, "there is much sadness but also hope there."

The students, as a group, reflected his sentiments. Their main interest is a cultural ex-

change. One said, through interpreter Helio Camarota, a fellow student who speaks fluent English, "we do not only want to see the beautiful landscapes and monuments but hippies, the ghettos, segregation, etc."

"Culture is everything in a society. One must know and understand the root problems before one truly understands the nature of the culture."

As a group, the students want to be regarded as intellectual, idealistic tourists who want to see everything. As one put it, "we can see and feel beautiful things. We can see this is a very nice place to live. But we want to see and discuss the roots of your society and make correlations between it and our own."

The visitors were not picked out of thousands of applicants to be just tourists, they said, but to exchange ideas and philosophies.

They all had some idea of what the United States is like before they came, a truly technical society, they said and theirs too is becoming a technical society. The conflicts and trouble created by this technology is what they want to understand and prevent.

The students are attending Harvard for a program of study and intellectual exchange to be followed by a trip to Washington next week and a final week at Columbia University before returning to Brazil at the end of the month.

Camarota translated a number of comments they wanted to transmit to the people in this area, statements such as "very well received", "most kind" and "we are most thankful for your hospitality." But perhaps the best stated was "Obrigado", which means "thank you" in their native tongue.

Alceu conta a experiência:

“Eu aproveitava para cantar meus cocos, baiões e martelos agalopados, que não podia tocar no Recife, porque eram considerados cafonas. Os hippies adoravam. Quando eu começava a cantar um coco que aprendi com meu avô, eles enlouqueciam. Não entediam a letra, mas eu ensinava o refrão. Parecia uma ciranda. Era uma loucura.”

Talvez ali tenha sido o grande sinal que precisava: na cidade acadêmica norte americana, o seu canto chamava atenção e era tão universal quanto qualquer outro.

“Aqui vivendo em Olinda, ou Recife, eu sou outra pessoa. Então hoje veio um problema lá do Rio pelo telefone: se eu estivesse lá, estaria agonizado, nervoso; aqui, eu me seguro. Fico tranquilo. Por exemplo, em São Bento não tenho medo da morte, lá já sou outra pessoa. Lá eu monto cavalo, corro, faço loucuras, mas aqui em Olinda se montar num cavalo tenho medo de cair. Acho que nós fazemos parte de uma grande corrente. Você, com as pessoas que conhece, com o seu povo, faz parte de uma grande corrente. Há uma forma de cumplicidade. Uma coisa muito importante para o ser humano.”

Alceu Valença para Manchete em 02 de janeiro de 1988 para matéria de Paulo Fradique.





"Quanto a sermos compositores nordestinos, peraí. Tem gente querendo vender sotaque. Não é bem assim. Não que a gente despreze a música do Nordeste, não. Pelo contrário. É legal, é das mais férteis do Brasil. Se a gente veio para o Rio, foi uma questão de sobrevivência. E, se a gente é nordestino, é uma questão de circunstância. Sofremos influências inevitáveis, mas benéficas. Mas pretendemos fazer música universal, como tem que ser."

Alceu Valença para o jornal "O Globo", em 2 de outubro de 1971, na ocasião do lançamento do disco "Quadrilhões", em parceria com Soriano Amendo.

Muitos começos para uma carreira

Podemos dizer que Alceu começou sua carreira quando começou, disputando uma cadeira de substituição na Casa Rio, em São Bento do Rio. Na adolescência, ele deixou os primeiros passos no Recife, aos anos 1960. Em sua passagem por Natal, parecia ter acontecido o contrário de tudo o que se esperava. Alceu não veio para o Brasil para atuar como um artista da música popular brasileira. Recife foi seu primeiro palco para participar no Festival Internacional da Canção para projetar sua carreira para além do próprio território. Assim, resolveu mudar-se para o Rio de Janeiro em busca de maior visibilidade para o seu trabalho. Lá formou o trio Os Pernambucoenses, com Genivaldo Assunção e Paulo Guimarães. A história de Alceu, Raulí Bonfante e Fernando Costa "A Cigarrinha" parecia profetizar o seu futuro sucesso com o frase: "Sistema de quatro as nozes de três".



foto: Fred Jordão

A CAMINHO (disparado) DO SUCESSO



Três jovens pernambucanos (Alceu, Geraldo e Paulo) têm um encontro marcado com o sucesso. Compõem, tocam, cantam, fazem arte autêntica. A soma dos seus talentos deu um resultado positivo, com prova dos nove e tudo. Tratem de guardar os nomes deles.



Texto de
AURÉLIO BAIRD BUARQUE FERREIRA

Geraldo Azevedo



Alceu Valença

Paulo Guimarães

Os nomes são: Alceu, Geraldo e Paulo.

Falei. O caso é que: estávamos na casa de um amigo, batendo um papo e pegando *uminha* de violão, quando este foi parar nas mãos de três rapazes. E não saiu mais. Ninguém deixou.

Pelo jeito maravilhoso de pronuncias os *lil* e os *eee* cantados, deu para dizer: norte. Ai, começaram as incríveis histórias de São Bento do Una e as músicas do Recife (Recife): pernambucanos. Profissionais? Ainda não: mas queriam ser músicos.

Bem, numa hora destas, todo o mundo quer ajudar. E aí é que está: existem quilos de artigos sobre os artistas consagrados, que já são notícia. Para os principiantes, restam as apresentações ao público, feitas pelos repórteres especializados.

Não me considero um deles. Mas, pelos tempos de colégio e faculdade, tenho visto a turma da cantoria e dos *shows* universitários. E dá para dizer: "esse cara vai!"; "esse não vai!". Pelo menos, o Antônio Adolfo (do Colégio São Fernando), o Ivã Lins, o Alberto Land (da Escola de Química), esses eu achei que iam, e foram. Não é nada demais não: a gente sente que o cara é bom, todo o mundo sente, e, justamente porque ninguém é repórter nem músico, a gente acaba sendo o público mesmo. Igual ao que, tempos depois, ouve e compra os discos do sujeito.

Na semana seguinte encontrei de novo os três. Desta vez havia um bocado de gente: umas 30 pessoas. E eu já sabia os nomes: Alceu, Geraldo e Paulo. Os três cantavam juntos e separados — sempre músicas deles —, tocavam violão e contavam as histórias mais loucas do mundo. Ninguém os deixava parar e, além disso, eles também pareciam estar se divertindo muito. Ficamos curtindo Alceu, Geraldo e Paulo, de 11 da noite às 5 da manhã. Incrível como ninguém sentia o tempo passar!

Nessa hora, vi que não se tratava de fazer uma apresentação dos três pernambucanos. Não iam precisar. A fama para eles é parte da ordem natural das coisas. O que eu podia fazer era dar as minhas impressões, para que fossem vistas mais tarde, quando todo o mundo já os conhecesse. Tipo máquina do tempo: "Os artistas famosos, antes de serem famosos".

Eles são três e aparecem juntos. O normal seria chamá-los de conjunto: alguma coisa do tipo "Os 3 Pernambucanos". Mas eu os chamaria simplesmente "Alceu, Geraldo & Paulo".

Isto porque cada um tem uma personalidade — inclusive artística

— totalmente diferente dos outros dois.

Alceu é um gozador inato. Até as suas músicas mais românticas têm um toque de ironia (*Elisa*: "Elisa, o seu resfriado, o amor na Avenida, são coisas da vida..."). Ele canta com uma intensidade de sentimento fortíssima e, de repente, pára e começa a contar histórias incríveis sobre São Bento, a sua cidade natal, "a única cidade do mundo que tem um guarda-noturno nomeado por si mesmo, sem dar satisfação a ninguém: nomeou-se, e pronto. E ainda aproveitou para fundar um próspero empreendimento comercial, que também é único: o "Acorda-se para Recife, S. A.", que cobra 500 cruzeiros para acordar o cidadão na hora do ônibus... E vai por aí a fora.

Geraldo parece tímido, mas é de uma simpatia irresistível. Toca, canta e compõe, como todos. "Destrói" no violão: solo e acompanhamento. Uma de suas músicas, *Novena*, é das melhores que já ouvi até hoje: linda.

Já Paulo é mais fechado, sério. Suas músicas se voltam mais para o social. Sua voz é a mais firme, bonita. Lembro uma de suas músicas: "Cuidado, môço, o sinal vai fechar: olha o perigo! Na minha bolsa, meu futuro em capitais... Cuidado!" Uma vez, quando eles cantavam, Alceu fez questão de repeti-la várias vezes seguidas, e dizia: — "Olhe só: preste atenção, isso é muito importante!" Concorde.

A música deles tem de tudo: folclore, tipo cantiga de roda, ciranda e desafio — resultado de pesquisas que andaram fazendo e de lembranças de infância; música de fundo social: música romântica, sátira, e até uma excursão no iê-iê-iê — segundo Alceu —, com influências hindus: *Planetário* ("Esperei no Planetário meu amor. Ela foi ao analista e ainda não voltou...").

Os três vieram chegando aos poucos no Rio. Primeiro veio Geraldo, em 67, trazido por Eliana Pittman para trabalhar com ela, após tê-lo visto tocando no Recife. Depois veio Paulo, que fazia teatro no Recife, e trabalhou, já no Rio, em *Cemitério de Automóveis*. Por último, chegou, há pouco tempo, Alceu, retido em Pernambuco pela sagrada tarefa de apresentar a família com um diploma de advogado.

Agora que eles estão juntos, é sair da frente!

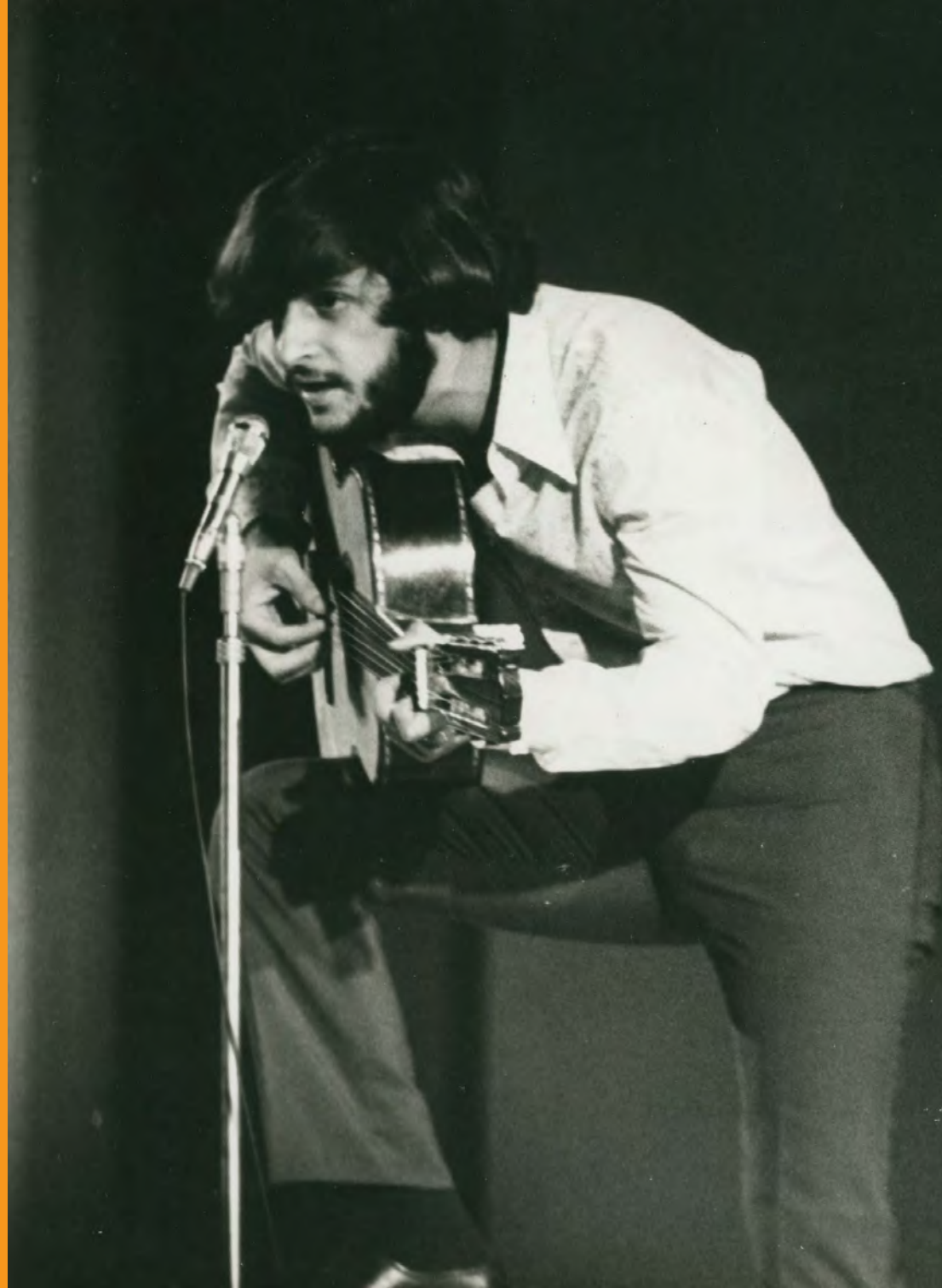
Só tenho medo é que quando esta matéria for lida a sua intenção já tenha sido ultrapassada. Isto é: que Alceu, Geraldo & Paulo já sejam famosos. E, do jeito que as coisas vão, isto não é nada difícil... Vou datar: Rio, 28-6-1971.

Do Rio a Paris

Muitos começos para uma carreira

Podemos dizer que Alceu começou sua carreira quando criança, disputando uma caixa de sabonetes lá no Cine Rex, em São Bento do Una. Na adolescência, o desejo foi tomando forma no Recife dos anos 1960. Em sua passagem por Harvard, parece ter acontecido o ponto de não retorno. A partir dali ele voltou para o Brasil para acontecer como um artista da música popular brasileira. Recife foi ficando restrito às suas participações no Festival Internacional da Canção para projetar sua carreira para além do próprio território. Assim, resolveu mudar-se para o Rio de Janeiro em busca de maior visibilidade para o seu trabalho. Lá formou o trio Os Pernambucanos, com Geraldo Azevedo e Paulo Guimarães. A matéria de Aurélio Baird Buarque Ferreira para “A Cigarra” parecia profetizar o seu futuro sucesso com a frase: “Tratem de guardar os nomes deles.”

fotógrafo não identificado
Arquivo Nacional, sem data



Alceu e Geraldinho

Apesar das semelhanças nas origens musicais, eles eram também opostos. Alceu para fora, Geraldinho para dentro. Esses contrastes se complementavam, e assim nasceu uma amizade verdadeira e espontânea entre dois gênios da música brasileira. O encontro resultou no primeiro disco dos dois, em 1972, chamado “Quadrafônico”.



“ Quanto a sermos compositores nordestinos, peraí. Tem gente querendo vender sotaque. Não é bem assim. Não que a gente despreze a música do Nordeste, não. Pelo contrário. É legal, é das mais férteis do Brasil. Se a gente veio para o Rio, foi uma questão de sobrevivência. E, se a gente é nordestino, é uma questão de circunstância. Sofremos influências inevitáveis, mas benéficas. Mas pretendemos fazer música universal, como tem que ser.”

Alceu Valença para o jornal “O Globo” em 02 de outubro de 1971, na ocasião do lançamento do disco “Quadrafônico”, em parceria com Geraldo Azevedo.

fotógrafo não
identificado



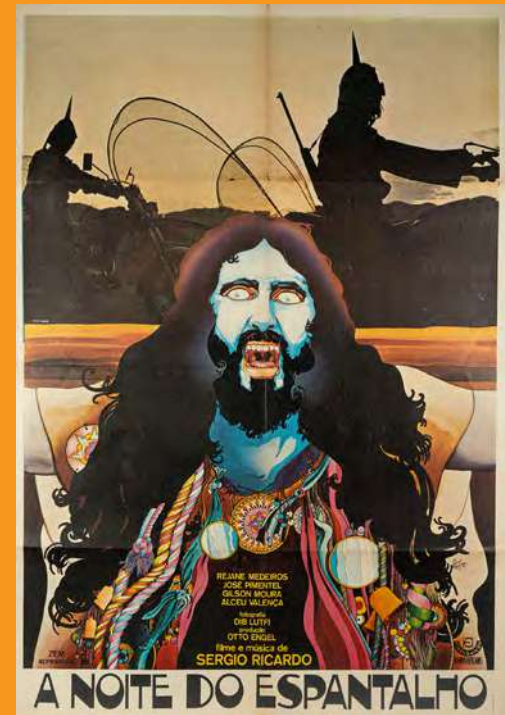
foto
Tania Quaresma

poster
Sami Mattar

“A Noite do Espantalho”

Foi no Rio de Janeiro que ele recebeu o convite de Sérgio Ricardo para ser ator no seu filme. Sergio o encontrou por acaso e teve a epifania de olhar para ele e dizer: “É você o espantalho!”

O filme circulou internacionalmente, inclusive na Quinzena dos Realizadores de Cannes, ganhando prêmios e obtendo larga distribuição nacional. Um filme que misturava elementos da cultura popular, com figurinos coloridos e surreais no meio de um sertão teatral. Essa mistura de elementos era também uma tática para confundir a mente dos censores da ditadura militar, que ficavam inebriados com uma estética tão complexa, dissimulando as críticas que o filme fazia.



“o ovo e a galinha”

alceu valença

e os diamantes

caruaru está cercada de luz
parece um cuscuz
quem foi que cercou?
foi dona boleira que é dona cordeira
que foi pro estrangeiro comprar um motor.

pissica

1a. PARTE

CABELOS LONGOS
SAUDADE DA BAHIA
QUANTO É GRANDE O AUTOR DA NATUREZA
ALAGOAS
RIACHO DO NAVIO
DELMINHA — VOU DANADO PRÁ CATENDE
RETRATO 3x4
DENTE DE OCIDENTE
INDIO QUER APITO
JURUCUJU' DE BECAUSA

— 0 —

2a. PARTE

MON' AMOUR, MEU BEM, MA FEMME
REQUEBRO
PAPAGAIO DO FUTURO
GEORGIA A CARNICEIRA
MENSAGEIRA DOS ANJOS
FEITICEIRA
COMO PEDRAS DE SAL
VOCE PENSA.

— x —

O OVO E A GALINHA
PITOMBA, PITOMBEIRA
SOU EU TEU AMOR.

FICHA TECNICA:

Direção Musical: Alceu Valença
Produção: Carlos Fernando
Direção Artística: Rodolfo Aurellano



Alceu e Paulinho

O segundo grande encontro fundamental para a carreira de Alceu foi com Paulo Rafael, o famoso Paulinho. Nos anos 1970, depois de ter retornado ao Recife para filmar “A Noite do Espantalho”, os cabeludos se encontraram na Rua das Ninfas e se cumprimentaram, talvez pelo simples fato de ambos terem os cabelos compridos. Ou ainda por terem se reconhecido como irmãos de alma. Um dia depois, os cabeludos se encontraram novamente na mureta da Igreja da Misericórdia em Olinda, e ali ficaram batendo papo, até que apareceu uma bailarina dançante, que sumiu da mesma forma que apareceu, do nada.

Anos depois, quando Alceu montava sua banda para ir para o Rio fazer as apresentações do show “vou Danado pra Catende”, um dos baixistas que iria compor o grupo desistiu e alguém sugeriu de levar Paulinho Rafael que, mesmo sendo guitarrista, poderia atuar no baixo. Quando apareceu, Alceu e Paulinho se reconheceram do encontro anterior. Paulinho era vidrado nas bandas internacionais de rock da época e Alceu, então, o aconselhou a valorizar mais a cultura popular da sua cidade natal: “Menos Londres e mais Caruaru, Paulinho”.

Assim, Paulinho fez da guitarra um instrumento que tocava gêneros genuinamente brasileiros, com uma timbragem única. A partir dali, Paulinho Rafael seguiu até o final da sua vida tocando e viajando com Alceu, Brasil e mundo afora. Era também Paulinho quem melhor traduzia a imensa e plural criatividade de Alceu, tendo coproduzido e produzido a maior parte dos seus discos, a partir de “Cavalo de Pau” (1982).

Eu sou muito Vivo!

Alceu Valença formou um vigoroso grupo no Recife para concorrer ao Festival Abertura, em janeiro de 1975, para defender a sua composição “Vou Danado pra Catende”, que homenageava Ascenso Ferreira com alguns de seus versos de “O Trem de Alagoas”. A trupe de Alceu composta por Zé Ramalho, Lula Cortes, Paulinho Rafael, Zé da Flauta, Israel Semente Proibida, Ivinho, Agrício Noya e Icinho acabou levando o prêmio de melhor pesquisa. Anos depois Alceu contestou:

“Não fiz pesquisa nenhuma. Estava tudo na minha memória. O Boni sabia que não podia deixar de nos contemplar e inventou aquele prêmio na hora”.

página ao lado
acima:
Periódico **Hítpop**,
março 1976
abaixo:
O potiguar,
8 de junho de 1975
à direita:
Revista **Manchete**,
11 de outubro de 1975

foto nesta página
Mario Luiz Thompson



HITPOP

ALCEU VALENÇA: SEM MEDO, COM A CARA E A CORAGEM



Alceu Valença nordestino, mouro e cigano. Dias 13 e 14

“Um pouquinho cantor, andarilho, gente e bicho, vivido e curtido por essas nordestes, cantando e contando suas vivências, sem no entanto fazer folclore, nem pedir ‘esmolas’”. Quem é? Alceu Valença: um pernambucano de São Benito do Una, formado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco. Nos dias 13 e 14 ele estará em natal, com apresentações no Teatro Alberto Maranhão. Mostrará o “Vou danado pra Catende”, um show em que Alceu mostra “um som nordestino/mouro/cigano”.

no/universal/oriental, num recado muito nosso”.

COMO SURTIU

A primeira aparição pública de Alceu Valença foi no último FIC (Festival Internacional da Canção), juntamente com Geraldo Azevedo, seu parceiro. Ambos “mostrados no futuro indicativo do Papagaio do Futuro”, fumando e tossindo fumaça de gasolina”, arrancando a vibração dos que assistiam ao festival.

Do FIC, Alceu voltou para o Recife, onde apresentou o show “O ovo e a galinha”, tendo ainda participado do filme produzido e dirigido por Sérgio Ricardo - “A noite do Espantalho” - interpretando o papel-título. Por sua interpretação no filme, foi considerado pela crítica francesa como o melhor ator entre os que se apresentaram no Festival de Toulon. Foi convidado para participar do filme “O Profeta” - baseado na obra de Khalil Gibran, que será rodado no Libano.

Em “Vou danado pra Catende” eles representam a alceira de Alceu Valença: Zé Ramalho da Paraíba (viola), Israel (bateria), Paulo Rafael (guitarra), Joãoão (percussão) e Dircino (baixo). “fazem um som nordestino/molhado de suor” é o título do último disco de Alceu Valença, gravado pela Som Livre, base do show. Esse disco foi considerado pela crítica de todo o Brasil, como o melhor lançamento de novos em 1975.



MÚSICA

Alceu Valença

danado de criativo

Timidamente, ele iniciou uma temporada-relâmpago de apenas doze dias no Teatro Teresa Raquel (Rio) com o show **Vou Danado Pra Catende**. Como, no princípio, o público não deu as caras, Alceu Valença, num golpe publicitário, muniu-se de um megafone e lançou-se cidade a fora, num esquema de autopromoção. Que funcionou. As casas lotaram, o show foi prorrogado e uma nova temporada foi programada. Agora, parte em excursão por diversas cidades brasileiras, além de, proximamente, lançar o LP do show, ao vivo. Fenômeno? Sem dúvida. E merecido. Pois ao misturar suas raízes musicais nordestinas aos domínios do rock, Alceu Valença obtém um som dos mais vigorosos. Ajudado por sua forte presença cênica e um impecável conjunto, ele é, antes de tudo, um verdadeiro ator que enriquece as músicas que interpreta. Sempre de peito aberto, confessa seus medos e contradições — medos e contradições de todos nós. **Vou Danado Pra Catende**: um depoimento sincero e objetivo de alguém que “não quer viver cruzando os braços, nem ser Cristo na tela de um cinema.” Neste circo, ele prefere ser palhaço. Danado de criativo. ● **Flavio Marinho**



Um fenômeno explicado.



Com o sucesso da crítica, Alceu conseguiu emplacar temporadas no Teatro Casagrande e Tereza Raquel. Era o somatório de múltiplos vetores musicais da cultura popular nordestina em uma encenação teatral que exorcizava o clima sombrio da vida brasileira em plena ditadura militar. O sucesso das encenações resultou na gravação do histórico disco “Vivo!”.

No vídeo podemos assistir trechos em Super 8 feitos por Mario Luiz Thompson durante o espetáculo, entre outros registros da época.

Há também o registro em Super 8 de quando Alceu se vestiu de homem-sanduíche e saiu pelas ruas do Rio com um megafone anunciando o seu show anterior, “Molhado de Suor”.

Numa área onde o rock se confunde com todos os sons do Brasil e do mundo, ocorreu certamente a revelação mais importante do ano - Alceu Valença, que explodiu com o seu som nordestino-indiano-ínglês-árabe-all over. Com uma originalidade extraordinária e uma presença cênica rara entre os quase sempre estáticos cantores brasileiros, geralmente pouco preocupados com o lado teatral que existe num cantor, quer ele queira ou não, a partir do momento em que pisa num palco e há pessoas na plateia para aquele número de mágica, Alceu revelou um lado poderoso de intérprete e uma excelente perspectiva de autor musical.”

foto:
Mario Luiz Thompson

Nelson Motta para “O Globo”, em 28 de dezembro de 1975.

Agora é a vez de Jackson e Alceu

Entre a programação do Projeto e próximo espetáculo no Rio Tira Jackson do Pandeiro e Alceu Valença, acompanhados pelo Grupo Bobó, no dia 28, no Teatro Dulcina. Assim como aconteceu com Luis Gonzaga, Jackson do Pandeiro teve seu perodo de maior sucesso nos anos 50, quando eram de discos e apresentações no rádio, aparecia também com frequência na televisão, que começava a se desenvolver no Brasil. Esse valente, inclusive, lhe era bastante favorável, uma vez que seu humor tinha muito de ritual. Toda a geração que acompanhava essa fase de implantação da televisão no Brasil lembra-se muito bem da dupla que Jackson formava com Almira de seu jeito maroto, e da forma originalíssima de girando que usavam para acompanhar o que cantavam — e que foi muito copiada. Faziam uma espécie de 'Aô Docura' nordestino, onde a gracinha estava ao mesmo tempo no que cantavam, no que diziam e na forma como se movimentavam.



Jackson do Pandeiro dá seu recado

Os anos 60, com o advento da bossa nova e nobram essas artistas regionais, assim como a grande maioria dos que fizeram a glória do rádio, que só viriam a ser recuperados muito mais tarde. Da mesma forma que o R-1 do Baião, Jackson do Pandeiro resurgiu — se bem que ainda de forma incipiente — graças aos baianos Caetano e Gil, que em sua busca pelas origens de suas músicas acabaram esbarrando neles. Gil gravou e fez sucesso com "Chiclete com Banana", antigo êxito de Jackson, que revela muito bem o humor malandro desse artista.

Nascido na Paraíba, em 3 de agosto de 1919, seu nome verdadeiro é José Gomes Filho. Sua carreira começou na Rádio Jornal do Comércio de Recife. Casou-se com Almira — que formava a dupla com ele — em 1954.

Jackson gravou muitos discos, entre eles *Caxinho da Roca*, *Farrô do 24 Lago*, *Cantando de Norte a Sul* e mais recentemente *Mutirão*, que é quase um prenúncio das festas juninas. Entre seus maiores sucessos podemos destacar "Von Gargalhar", "Farrô em Limoeiro", "Um a Um", "A Mulher do Anibal", além do já citado "Chiclete com Banana". Profundo conhecedor do folclore nordestino, Jackson não se prendeu exclusivamente a nenhum gênero, cantando alternadamente côco, rancheras, emboladas, marchas, arrastapés e outros ritmos.

Em 1976 apresentou-se no Seis e Meia ao lado do mesmo Alceu Valença. Agora a dupla volta para percorrer outras cidades brasileiras no Projeto Pixinguinha, iniciativa MEC-Funarte.

O ESPETACULO

— Jackson do Pandeiro para mim é a mistura de todas as raízes da música nordestina, é côco, é embolada, é marcha e é samba também. É uma grande alquimia, exercitando-se em todas essas variantes.

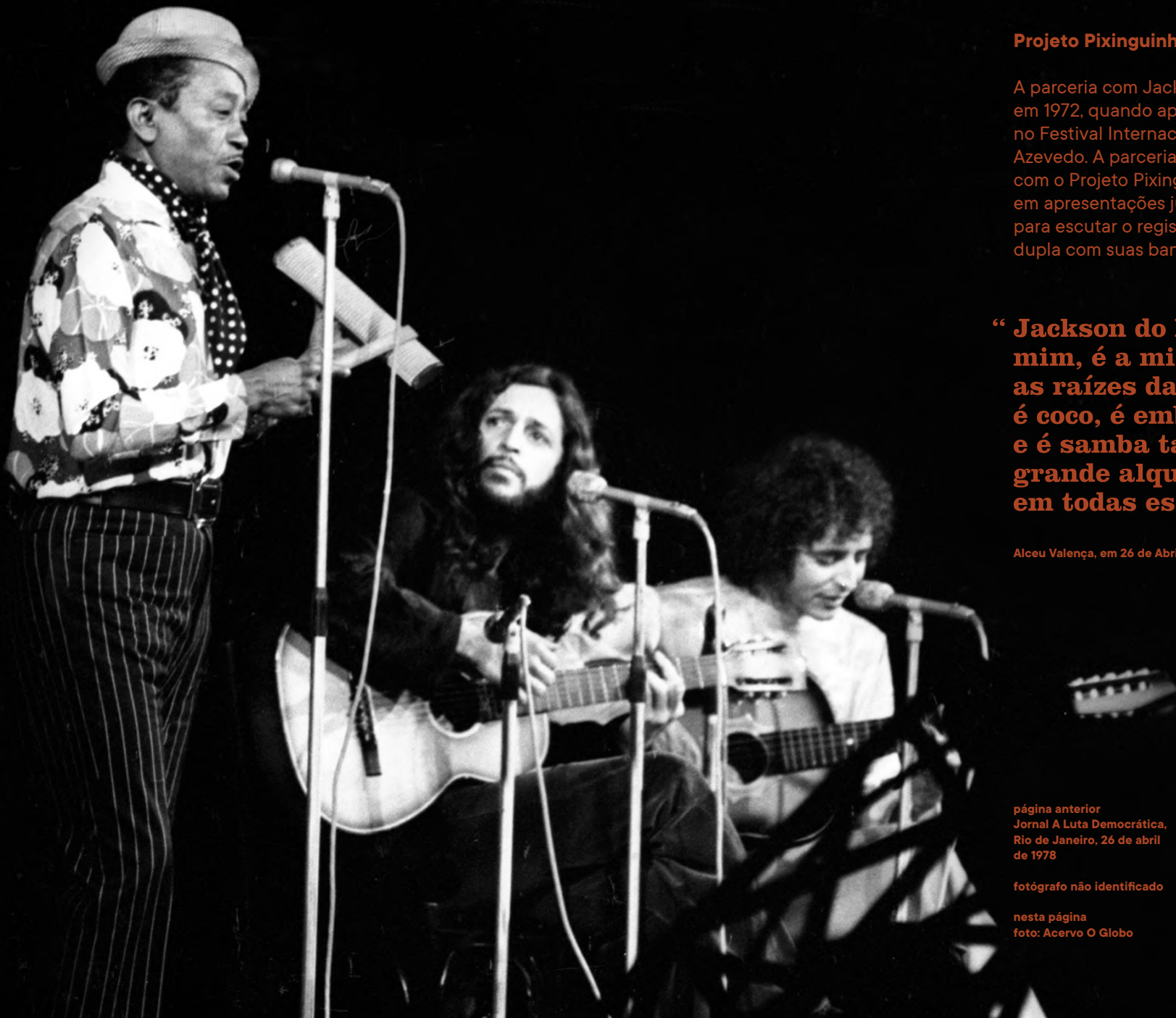
As palavras são do Alceu Valença definindo o que significa para ele a música de Jackson do Pandeiro. O show dos dois, antes de mais nada, vai mostrar a música nordestina através das vozes de duas gerações. A primeira (Jackson) mais pura e ligada mais intimamente às raízes folclóricas; a segunda (Alceu) muito mais elaborada e carregada de influências que vão de Luis Gonzaga a Elvis Presley.

Sendo ambos, artistas que se valorizam em suas apresentações ao vivo, o espetáculo vai tirar o maior proveito de seus recursos cênicos, que abrangem desde o humor mais espontâneo até uma agressividade intencional. Assim sendo, o público poderá perceber toda a evolução pela qual passaram os artistas regionais nesses últimos 30 anos.

A direção do espetáculo será de Ginaldo de Souza, ator e integrante do grupo do Teatro Jovem. Ginaldo já dirigiu outros espetáculos para o Seis e Meia e para o próprio Projeto Pixinguinha.

Começa às 19h30min e custa 15 cruzeiros. É bom e barato.





Projeto Pixinguinha

A parceria com Jackson do Pandeiro começou ainda em 1972, quando apresentaram “Papagaio do Futuro” no Festival Internacional da Canção com Geraldo Azevedo. A parceria ganhou uma dimensão maior com o Projeto Pixinguinha, que uniu Alceu e Jackson em apresentações juntos por todo o Brasil. Se aproxime para escutar o registro sonoro de um dos shows da dupla com suas bandas.

“ Jackson do Pandeiro, para mim, é a mistura de todas as raízes da música nordestina, é coco, é embolada, é marcha e é samba também. É uma grande alquimia, exercitando-se em todas essas variantes.”

Alceu Valença, em 26 de Abril de 1978, para o jornal “Luta Democrática”.

página anterior
Jornal A Luta Democrática,
Rio de Janeiro, 26 de abril
de 1978

fotógrafo não identificado

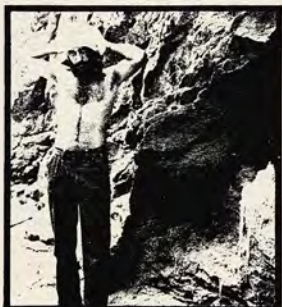
nesta página
foto: Acervo O Globo



Alceu Valença, armado da misturação do xaxado e do baião, pretende fazer a Europa se curvar ante o Brasil

Homem de São Bento do Una vai declarar guerra à discoteque

TEXTO: ALCINO SOEIRO
FOTOS: HELMUT HANLE



Ele trabalha com misturação: trocou de xaxado com baião

'Se é pra cantar pra trabalhador, vamos cantar pra ele'



Chegou a hora do baião to me contô do mundo. A afinação, quase perfeita, é do cantor e compositor pernambucano Alceu Valença, que já está de viagem marcada para a Europa, onde vai se apresentar primeiramente em Paris, a partir de 15 de fevereiro, numa temporada de 20 dias em Moenchengrin, com o show *Alceu Valença em Noite de Black-Tie*, considerado pela crítica como um dos melhores espetáculos musicais de 78 Da França. Alceu prosseguirá em sua tournée pela Itália, Inglaterra e Alemanha.

— Vai ser muito engraçado — diz — é gente vai as discoteques internacionais levantando o barro na praia do xaxado, do baião, tudo rindo já sem influenciando o jazz e toda a música contemporânea, inclusive o pop, que agora vai se apresentar com chapéu de canoa.

Alceu Valença chegou ao Rio, em 72, Voz de São Bento do Una, enquanto viajava de seu Estácio, com pouco mais de 10 mil habitantes, "onde todo é humão". Ali, segundo Alceu, "a galinha é gente importante, porque dá a cidade aquilo que ela tem para exportar e o coxo. Foi o mesmo, não sei quem nasceu primeiro, se São Bento do Una ou o coxo".

Com seu jeito simples, de São Bento do Una, Alceu veio bater as cotas em Copacabana e, ali mesmo, em plena rua, cantou o seu canto alegre, o "Planeta Rio", para o seu amor. "Ela foi acanhada e ainda não voltou". Era o desencontro com a cidade grande.

Alceu lembra também sua experiência no cinema, no filme que fez com Sérgio Ricardo, "A Noite dos Espantados", premiado no Festival de Berlim. É falta de sua emoldura participação do Festival *Abertura*, em 1975, quando respirado nos versos de Assis Ferraz a saudades e público cantando "Você Dançou pra Cidade". Se chegou a Cidade ninguém sabe, porque Alceu não conta. Mas o Rio acabou confirmando um prêmio especial, porque não sabia os seus integrantes como enquadrar aquela música, nova para eles, mas não para Alceu, pois segundo ele não existe nada de novo: "todo é uma misturação".

Foi o ano decisivo para a carreira de Alceu, porque 1975, no festival, foi ganhador e prêmio de crítica, do Rio e São Paulo, como o melhor disco do ano. Em 1976, acompanhado por Inezita, venceu outro prêmio, o melhor show do ano. E assim originou Alceu Valença com aquela "misturação" de baião, xaxado, maracatu, repêndio e suasson. Ano passado, além do melhor disco do



— Se for, jáho outro, porque é um festival que o gente só abrimos no mar. É como o bando de Lancelô, é pra cantar em festa, mesmo como em festa. Se é pra cantar pra público geral, não, sempre cantar pra público geral. Meu comportamento é o reflexo de muita música. A sua para fazer uma festa brasileira, acalando uma certa dose de melancolia, mas que não beira.

Essa opção de independência feita por Alceu pode tornar mais difícil sua atuação profissional, "mas eu prefiro muito mais", afirma ele. A participação do público em sua apresentação já foi separada como uma integração do espírito de seu canto com êxito que a possa ser vontade de cantar. Um canto de liberdade, um grito de independência, um grito de liberdade como se fosse determinado.

É com esse mesmo propósito que Alceu Valença pretende chegar à França, para cantar a música do seu país, a música do seu povo, acompanhado por Paulo Ribault, na guitarra, Zé Anderson, na guitarra brasileira, acalando uma certa dose de melancolia, mas que não beira.



O sol do Brasil em Paris


Em 1979, Alceu e Paulinho Rafael se mandaram para Paris juntos com Anelisa Cesário Alvim, namorada e produtora de Alceu na época. Com pouco dinheiro e com algumas ajudas, fizeram muitos shows, incluindo uma temporada no Teatro Campagne Première, com uma boa recepção da crítica. Apresentou um som mais acústico, cantando músicas de sua autoria e de Luiz Gonzaga, como pode se ver no vídeo da apresentação que a dupla fez no canal Antena 2.

“ Vou levar comigo São Bento do Una, depois o Pernambuco, o Brasil e a América Latina. Não vou pra ficar de jeito nenhum. Aqui tenho minha base, preciso voltar. Vou e volto, afinal, os aviões tão aí pra isso mesmo, né? Levo também, além do Paulinho, minha Burra Biônica. É uma espécie de fantasia de bumba-meu-boi, só que é uma burrinha. É que eu quero tirar uma foto dela na Torre Eiffel. É assim que pronuncia? Depois mando pra minha mãe.”

Alceu Valença, em 07 de fevereiro de 1979, para o “Jornal do Brasil”.

página anterior
Revista O Cruzeiro ,
17 de fevereiro de 1979
fotógrafo não identificado

página ao lado
cartaz para show no Theatre
Campagne Premier em 1979



**THEATRE
CAMPAGNE
PREMIERE**
DU 20 FEVRIER
AU 4 MARS 79
A 20 HEURES

POUR LA PREMIERE FOIS A PARIS
LA MUSIQUE BRESILIENNE D

**ALCEU
VALENÇA**

PROMOTION: CARLOS MARQUES

**THEATRE
CAMPAGNE PREMIERE**
19 RUE CAMPAGNE PREMIERE
75014 PARIS
METRO RASPAIL
tel: 322.75.93



Primavera valenciana

“Primavera Valenciana” é uma montagem em cima da entrevista informal que Mario Luiz Thompson fez com Alceu Valença no dia 22 de setembro de 1981, o primeiro dia da primavera daquele ano. A primavera aqui figura, de certo modo, o desabrochar da carreira de Alceu Valença ao seu sucesso popular com canções que se tornaram eternas no inconsciente coletivo brasileiro.

No vídeo encontramos o ensaio fotográfico com o ensaio que fez com Cafi em Copacabana na época da feitura de “Espelho Cristalino”, onde vemos uma figura que nos lembra um violeiro repentista que está nas ruas para fazer de qualquer espaço vazio o seu palco para performance. É também alguém que se mistura ao povo, mas que se destaca por sua elegância e beleza. Os seus óculos redondos nos lembram mais ao Lampião do que a John Lennon, semelhança identitária curiosa dessas duas figuras. O vídeo começa com esse ensaio de quase 100 fotos, pois ali Alceu figura o nordestino que emigrou para a cidade grande do Sudeste em busca de oportunidades.


As respostas às perguntas de Alceu nos trazem uma dimensão da falta de compreensão de um certo movimento musical brasileiro acontecido por volta dos anos 1970 e 1980, onde Alceu fala que houve a interiorização da música brasileira, no sentido que os artistas retornaram para as próprias raízes para desenvolver novas musicalidade e poéticas e, por outro lado, a crítica não acompanhou esse entendimento em razão de estarem muito ligados a uma visão muito colonizada e pouco conhecedora da diversidade de expressões brasileiras.

Intercaladas com as respostas de Alceu, assistimos a performances viscerais que demonstram o ponto de ebulição perfeito da sua poética e presença nos palcos, como “Coração Bobo”*, “Maria dos Santos”, “Vou Danado pra Catende”, “Juazeiro”, de Luiz Gonzaga, e dois trechos da sua participação em Montreux em 1982, com “Casinha de Buinha” e o pot-pourri de “Fé na Perua”, “Papagaio do Futuro” e “Zigue-Zague”.

foto: Cafi
foto da sala:
Fred Jordão



*A performance de “Coração Bobo” apresentada aqui aconteceu no show da ocasião das comemorações do Dia do Trabalhador no Riocentro, no mesmo dia do atentado que explodiu um automóvel com dois militares dentro. Havia bombas instaladas debaixo do palco, que foram desarmadas pelos próprios militares após o fracasso da sua ação terrorista.



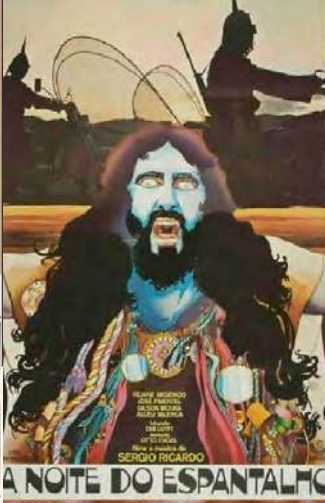
Ele é capaz de levantar uma platéia de roqueiros como fez no Rock in Rio, com a mesma facilidade com que antes, em Lisboa, tinha feito 100 mil comunistas portugueses cantarem com ele a festa do jornal Avante, de comemoração da Revolução dos Cravos. Depois de percorrer 14 estados de ônibus, como prefere para “sentir a terra”, o pernambucano Alceu Valença, 39 anos, volta essa semana ao Rio para, na quinta-feira, estreiar no Canecão o seu show Estação da Luz. Virá, claro, com a eterna barba que prolonga os cabelos como se fosse uma coisa só, e o ar de um cabra desgarrado de Lampião ou um fiel de Antônio Conselheiro. Do Nordeste, ele traz nas músicas as cores, frutas, fosto e a explosiva luminosidade. Mas também a forma que costuma tomar o nosso surrealismo: o delírio. “O delírio guerreiro”, como ele diz.

Zuenir Ventura para o “Jornal do Brasil” em 2 de março de 1986, na ocasião dos shows do disco “Estação da Luz”.

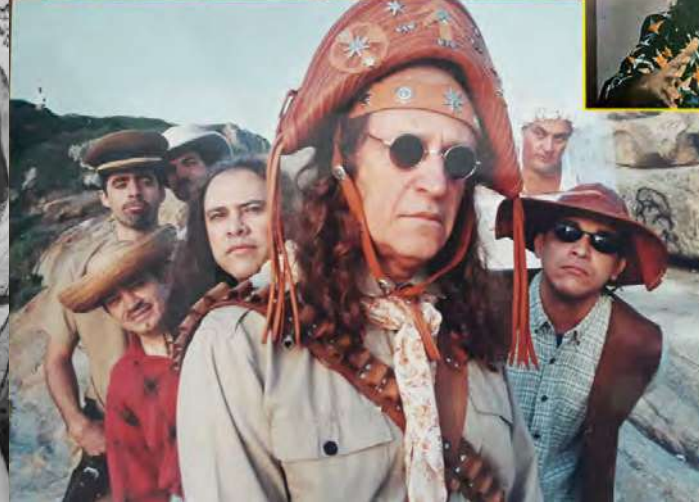
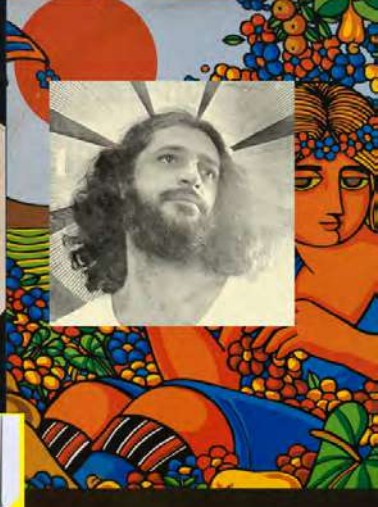


"o ovo e a galinha"
 alceu valença
 e os diamantes

certeza está cansado de ter
 pensado em coisas?
 tem lá fora, certo?
 lá fora, talvez que é mais corajoso
 que foi pra inaugurar o começo um autor
 poeta



Os tantos personagens
 Quantos personagens cabem em um Alceu?
 Ou a pergunta correta seria: "Quantos "Alceus"
 cabem no seu único personagem?" Com uma
 identidade multifacetada, Alceu conseguiu a
 proeza de ser indecifrável e misterioso, mesmo
 colocando todo o seu corpo artístico em cena,
 ano após ano. Para ele, talvez não exista a quarta
 parede que divide o palco e o público.



Uma vida de carnavais

Alceu foi uma estrutura de sustentação do Carnaval pernambucano nos anos 1980, afirmando a valorização e a revitalização do frevo. Junto com outros compositores, como J. Michilles e Carlos Fernando, modernizou o frevo para as novas gerações. Criou o bloco do Bicho Maluco Beleza, que hoje acontece em Olinda e em São Paulo, levando uma multidão de pessoas todos anos.



Sonho de Valsa
Marcos Cordeiro
1986

página ao lado
fotos: Cafè



Estação da Luz
Wellington Virgolino
1985

página ao lado
foto: Fred Jordão
Escultura em destaque
intitulada "Coração de artista"
do artista sergipano Véio





foto: Cafi



Papagaio do Futuro
Getúlio Maurício - 2024

Papagaio do Futuro
Getúlio Maurício
2024

Alceu Valença e os videoclipes

Há uma infinidade de linguagens que perpassam no histórico de videoclipes que Alceu interpreta durante a sua carreira. Há uma linha do tempo que vai se transformando nas linguagens dos anos 1980, 1990 e 2000 em diante. Nessa montagem, podemos ver a mistura dos elementos geográficos das locações, e as cenas filmadas se misturam com alguns personagens míticos, como o Bobo da Corte, o Mágico, o Lampião e o Cavaleiro de São Jorge.

Através de várias composições quis mostrar a influência dos mouros na cultura nordestina. Inclusive fazendo algumas experiências com Lula Côrtes no tricórdio. Depois que fez cinema passou a fazer música com tons visuais, cinematográficos. É o caso de “Borboleta”, uma belíssima composição que Alceu Valença incluiu no LP”

Fernando Spencer para o jornal “Diário de Pernambuco” em 26 de janeiro de 1975, na ocasião do lançamento do disco “Molhado de Suor”.

clipes de Espelho Cristalino,
Morena Tropicana, Amor
cavarde, Bobo da Corte e
Anunciação





Direção e atuação no cinema

Alceu fez o espantalho no premiado “A Noite do Espantalho”, de Sergio Ricardo, em 1974. Com uma atuação digna do seu versos: “Nem ser cristo na tela de um cinema, nem ser pasto de feras numa arena, nesse circo eu prefiro ser palhaço”, Alceu levou o cinema para a sua música em tantas imagens que são criadas por meio de suas canções. E, mais recentemente, em 2015, fez com a sua direção e atuação “A Luneta do Tempo”, um filme musical único na cinematografia brasileira contemporânea.



fotos
Toinho Melcop

cartaz do filme
A Luneta do Tempo
Oblíquo, 2015



Gravação do filme "A Noite do Espantalho" de Sérgio Ricardo
fotos: Tania Quaresma

Alceu recebeu, em 1985, o título de Cidadão de Olinda. Na ocasião, disse:

“ O título, para mim, tem um significado muito grande. Porque Olinda é a cidade onde nasci de novo. Foi aqui que vi o mar pela primeira vez. E, quando o observei, recortado entre o casario da Rua do Sol, julguei pequeno. Pensei até que fosse menor do que os açudes lá da minha terra.”

nesta página
Diário de Pernambuco,
12 de fevereiro de 1985

Fotógrafo não
identificado

página ao lado
Alceu em participação
do programa Jô Soares,
18 de agosto de 1998

Diário de Pernambuco,
12 de fevereiro de 1985



A PRINCESA
A princesa Stephanie de Monaco, que esta hoje na praia do Frances, em Alagoas, vem passar o carnaval no eixo Olinda-Recife.
É convidada do cantor e compositor Alceu Valença, que a conheceu em recente festival de música em Nice

Vereadores revoltados com Alceu

O cantor Alceu Valença, o mais novo Cidadão de Olinda, está ameaçado de perder o título que recebeu na última terça-feira, sob a acusação de ter falado com o decreto. E que a maior parte dos 21 vereadores da Câmara Municipal daquela cidade acha que foi ridicularizada quando ele compareceu à entrega do diploma vestido de índio, descalço e sem camisa.

A irritação maior dos políticos olindenses, no entanto, ficou por conta do pequeno discurso que o cantor fez, ao final da homenagem que lhe foi prestada. Ao invés de saudar nominalmente as autoridades presentes – como é de praxe em qualquer solenidade legislativa – preferiu dirigir-se ao cavalo-marinho, ema, burro, capivara, jaraguá e picapau. Esses animais são figuras que compõem a manifestação folclórica do bambá-meu-bô, ainda muito comum no Nordeste, e estavam representados no plenário.

Além disso, Alceu Valença desconhecia o fato, mas disse que recebeu o título “da forma mais digna possível, vestindo de caboclinho Caeté, em uma homenagem aos nossos antepassados, os índios que habitavam Olinda. É necessário que se saiba que aquilo foi um apelo poético, já que Olinda é a antiga Marinh dos Caetés”. Acrescentou que “trajado de caboclinho estava muito mais solene do que se estivesse de paletó e gravata”.
Mais notícias na página A-2



Em 1998, o príncipe da Holanda visitou Pernambuco. A visita de um membro real da família holandesa não acontecia desde a época de Maurício de Nassau. Pediram para que Alceu tocasse durante um jantar para receber o príncipe, Alceu disse que não cantava para ninguém comer, mas ofereceu a sua casa para uma festa. Pegaram ele na palavra, e ele colocou a teatralidade da recepção mais uma vez em jogo. Ao fim do vídeo, há um trecho de Alceu declamando os versos de “Oropa, França e Bahia”, de Ascenso Ferreira, em entrevista com Jô Soares.

“A selfie acabou com a coisa do artista! De vez em quando, estou aqui na sala, e passa um ônibus dessas empresas de turismo, com guias chamando as pessoas e dizendo: ‘Esta é a casa do cantor Alceu Valença, e ela tem um banheiro ao ar livre lá no segundo andar.’ Que loucura da porra, né?”

Alceu Valença para “O Globo”, entrevistado por Silvío Essinger, em 18 de Janeiro de 2024.



foto
Leo Aversa
2024

**Ministério da Cultura e
Casa Estação da Luz
apresentam**

Yanê Montenegro
coordenação do projeto

Natália Dantas Reis
coordenação geral

MV Produções
e **Janaísa Cardoso**
produção executiva

Rafael Antonio Todeschini
curadoria

Erika Martins
direção de arte

**Janaísa Cardoso /
Bambu Produção**
coordenação de produção

**Renata Harten e
Marina Jeronymo**
produção

Gustavo Albuquerque
coordenação de montagem
e produção gráfica

Obliquo
projeto expografico

Erika Martins
projeto gráfico

Julio Moura
consultoria biográfica

Patrícia Pamplona
pesquisa

Mariana Kapps
Marília Rosado Maia
licenciamento das obras

Mariana Lopes
revisão de texto

Bruno Albertim
assessoria de comunicação

Ana Bárbara Moura
redes sociais

Julio Moura
textos comunicação

Obliquo
pós-produção vídeos

Rafael Antonio Todeschini
montagem vídeos

Alicia Mendes
assistente de edição de vídeo

CH Malves
edição de som de vídeo

**Beatriz Omena, Gabriel Omena
e Suzana Omena**
conservação das obras

**COM Acessibilidade
Comunicacional**
Produção da audiodescrição e libras

Lucia Padilha (Lupa Cultural)
coordenação educativo

**Anderson Santos
Elvira Gabrielly Santos**
educativo

Resultado Soluções
**Artur Rocha, Bambu Produção,
Fábio Produções**
montagem

Galeria Mario Nunes
molduras

Resultados Soluções
marcenaria

Resultados Soluções
**Gustavo Albuquerque
e Reginaldo Panta**
cenografia

Resultados Soluções
sinalização

Resultados Soluções
pintura

Mié Costa
iluminação e elétrica

Cléber Oliveira
sonorização e técnica

Carlos Santana
manutenção geral

Gráfica Épura
serviços gráficos

**EMBRACCON / Empresa brasileira
de apoios e serviços**
assessoria contábil

**Assessoria jurídica
Olivieri Associados**
assessoria jurídica

acervos

Abril, Acervo Jornal do Brasil, Agência O Globo, Antonio Melcop, Arquivo Nacional, Avohai Editora, Cafí, Carlos Horcades, CEDOC - TV Bandeirantes, Cícero Alves dos Santos (Véio), fonogramas e videofonogramas gentilmente cedidos por Deck sob licença da MV Produções, Delminha Valença, Diário de Pernambuco, EBC (Empresa Brasil de Comunicação), EMI, Editora Fermata, Fotos do Acervo da Família extraídas do livro “Pelos Ruas que Andei - uma biografia de Alceu Valença” de autoria de Julio Moura, editado pela Relicário Produções e CEPE, Funarte, Geração Editora, Humaitá Music Pub, imagens gentilmente cedidas pelo Canal Brasil, INA, fonogramas e videofonogramas gentilmente cedidos por Indie Records Ltda., Irmãos Vitale, J. Borges, Mamulengo Querubim, Manchete, Mario Luiz Thompson, Peermusic, RCA, imagens gentilmente cedidas pelo Rock in Rio de forma gratuita e exclusiva para a presente exposição, SBT (material concedido pela TVSBT), Sérgio Ricardo, Som Livre, fonogramas e videofonogramas gentilmente cedidos por Sony Music, Sony Music Publishing, TV Cultura, TV Globo (imagens conteúdo Globo e Globo Pernambuco), Universal Music e Warner Chappell.

Acervo pessoal de Alceu Valença com obras de Aline Feitosa, Bajado, Getúlio Mauricio, J.Borges, Marisa Lacerda, Marcos Cordeiro, Sérgio Lemos e Wellington Virgolino.

agradecimentos

Adriano Antunes de Souza Araújo, Alexandre Quaresma, Alexandre Valentim, Ana Lages, Antônio Marinho, Beth Lessa, Casa Criatura, Canal Brasil, Carla Valença, Cícero Alves dos Santos (Véio), Dario Alvarez, Débora Bloch, Delminha Valença, Dedé, Don Tronxo, Edna S (J. Borges), Eduardo Kapps, Elba Ramalho, Emília Veras, Fernando Esdras, Gabriel Thompson, Geraldo Azevedo, Goyo Garcia, Hildo Assis, João Lucas Vasconcelos, Julia Katiene Pereira Santos, Julia Moraes, Júlia Vertelio, Júlio Moura, Leticia, Leonardo Lacca, Ligia Silva Farias, Linda Figueira, Loic Gosselin, Luiz Afonso, Maria Creuza, Patrícia Luz, Mariah Teixeira, Marina Lutfi, Miguel Colker, Nathalia Macedo, Paulo Jefferson (em memória), Paulo Mendonça, Rafael Amorim, Rafael Valença, Relicário Produções, Rafael Ramos, Renato Rocha, Ricardo Galhardo, Rosemeire Rodrigues, Sophie Morlon, Tânia Quaresma (em memória), Tayna Jardim de Andrade, Thales Junqueira, Tizuka Yamasaki, Tuinho, Val Veloso, Vicente Barreto e Zé Ramalho.

catálogo

Obliquo
realização

Rafael Antonio Todeschini
coordenação editorial
e textos

Erika Martins
identidade Visual
e diagramação

Mariana Lopes
revisão de texto

Alceu Valença

UMA GEOGRAFIA
VISCERAL NORDESTINA

curadoria Rafael Antonio Todeschini

2024

18 abril a 18 agosto

terça a sexta

10h às 17h

sábados e domingos

10h às 16h



patrocínio



apoio



apoio gráfico



produção associada

OBLÍQUO

concepção



realização

